

OBRA ANALISADA Antologia de Crônicas

GÊNERO Prosa - Crônica

AUTOR Autores Diversos

**DADOS
BIOGRÁFICOS**

BIBLIOGRAFIA

RESENHA Registros de outro tempo: primeira metade do século XIX.

Autores retratam a realidade brasileira anterior ao processo de expansão urbana e industrial. A vida cotidiana e os valores antes da passagem para o Brasil atual: industrializado, urbano, globalizado. Mister é observar alguns aspectos do cotidiano – a moradia, a paisagem, as relações familiares, as diversões, bem como os valores, conceito de beleza. Vejamos!

Registros de outro tempo: primeira metade do século XIX.

Autores retratam a realidade brasileira anterior ao processo de expansão urbana e industrial. A vida cotidiana e os valores antes da passagem para o Brasil atual: industrializado, urbano, globalizado. Mister é observar alguns aspectos do cotidiano – a moradia, a paisagem, as relações familiares, as diversões, bem como os valores, conceito de beleza. Vejamos!

I – REFLEXÕES DO COTIDIANO: a vida humana, os relacionamentos, os costumes

CARLOS HEITOR CONY = Crônica "Milagre e covardia" - o milagre que nos traz a árvore de Natal – a música invisível da caixinha e uma tira de papel celofane branco = um anjo; e a culpa de não ter tipo coragem de olhar mais fundo.

ENEIDA COSTA DE MORAIS => parte de fatos noticiados nos jornais para fazer uma reflexão.
Crônica "Demasiadamente" Sr. Aníbal Vicente, cognome "Ouro Branco", 50 anos, enorme riqueza sentimental, sabia usar bem as palavras para atingir suas "presas". Um profissional de mãos limpas. Não arrombava bancos, saltava janelas, cometia assaltos ou roubava cofres públicos. Ia buscar no amor a solução para seus problemas – substituía esposas após o "conto do noivado".

II - CRÔNICAS POÉTICAS: por sua linguagem conotativa, expressiva, imagética; busca o novo, o que, nem sempre, é óbvio

JOEL SILVEIRA = reflexões sobre o ato de escrever
Crônica "Carta" jeito de carta nas palavras, mas formato de crônica.

LÊDO IVO => sensações poéticas + informativas
Crônica "Apartamento Térreo": incessantes tormentos de qualquer morador de andar térreo.

PAULO MENDES CAMPOS => poética, mas com intenção filosófica
Crônica "O Canarinho" – descrença em si mesmo. Doou o canarinho. Culpa!

III – TEXTOS MEMORIALISTAS – resgatar o passado => forma de contribuir para a compreensão do presente
Levá-los a refletir sobre as perdas e ganhos com as mudanças.
ENEIDA COSTA DE MORAIS – Crônica "Promessa em Azul e Branco" – menina vestiria sempre azul-claro e branco por conta de uma promessa a Nossa Senhora de Nazaré feita pela avó – até os 15 anos. Após a morte da avó, foi liberada.
MARQUES REBELO – Crônica "Página de Álbum" – com base em lenda da serpente – Barbacena (MG)

IV – HOMENAGENS A PESSOAS – comuns, anônimos ou ilustres

MALUH DE OURO PRETO – Crônica "O Cicerone de Ouro Preto" homenagem aos cicerones na pessoa de Marco Antônio.
Crônica "Felicidade" Senhora comum almeja um copo com a palavra "felicidade" gravada em letras douradas. Só o adquire após um incêndio da loja.

MARQUES REBELO – Crônica "Os Parceiros" homenagem a Arnaldo Tabaiá, Cornélio Pena, Antonio Tavares Bastos (pseudônimo Charles Lúcifer), Augusto Frederico Schmidt e Marques Rebelo.
Crônica "Cornélio Pena"
Crônica "Poema de um Coração Rubro" – homenagem ao tijucano e americano fanático Lamartine Babo, o Lalá, que compôs o Hino do América Futebol Clube – time de futebol do Rio de Janeiro.
Crônica "A Harpa Estalou" – homenagem ao carioca das Laranjeiras – Heitor Villa - Lobos

V – DEFESA DE IDÉIAS – sem o rigor da argumentação (dissertação) => razões emocionais ou divertidas explicam determinado ponto de vista.

OTTO LARA RESENDE – Crônica "Mulheres na política" – mulher escolhe candidato pelas suas características físicas
Crônica "Subprodutos do amor" – mulher + filhos = criação antes e agora.
Crônica "Porque as gordas salvarão o mundo" – Abaixo o regime!

SÉRGIO PORTO – Crônica "Relíquias da Casa Velha", "Refresco", "A Moça e a Varanda" e "O Cupim" – muita emoção no passado, tristeza pelo que ficou perdido no passado; alegria do reencontro.

VI – CRÔNICAS NARRATIVAS – quase contos de tão curtas, sem a densidade dos contos, porém.

JOSÉ CÂNDIDO DE CARVALHO – Crônica "O Valente" – "causos" populares marcados com humor. Quirino Dias – um caixeiro-viajante que todos pensavam ser "matador".

PAULO MENDES CAMPOS – Crônica "O homem que odiava ilhas" – num barco de pesca em Cabo Frio um americano Aiken paquerou a namorada – Graziela – uma lourinha linda, filha de alemães, que depois se torna até esposa do turista.

CRÔNICA deriva do Latim *chronica*, que significava, no início da era cristã, o relato de acontecimentos em ordem cronológica (a narração de histórias segundo a ordem em que se sucedem no tempo). Era, portanto, um breve registro de eventos.

No século XIX, com o desenvolvimento da imprensa, a crônica passou a fazer parte dos jornais. Ela apareceu pela primeira vez em 1799, no *Journal de Débats*, publicado em Paris.

Esses textos comentavam, de forma crítica, acontecimentos que haviam ocorrido durante a semana. Tinham, portanto, um sentido histórico e serviam, assim como outros textos do jornal, para informar o leitor. Nesse período, as crônicas eram publicadas no rodapé dos jornais, os "folhetins".

Essa prática foi trazida para o Brasil na segunda metade do século XIX e era muito parecida com os textos publicados nos jornais franceses.

Com o passar do tempo, a CRÔNICA BRASILEIRA foi, gradualmente, distanciando-se daquela crônica com sentido documentário originada na França. Ela passou a ter um caráter mais literário, fazendo uso de linguagem mais leve e envolvendo poesia, lirismo e fantasia.

As CRÔNICAS saíram das páginas dos jornais para as ANTOLOGIAS.

Ao nos propormos, a refletir sobre crônicas que determinados autores escreveram, é importante situarmos no tempo e no espaço as circunstâncias que provocaram aquelas palavras. Caso contrário, a crônica perde o sentido e passa a ser entendida com base em experiências próprias do leitor, numa compreensão muitas vezes distante de seu objetivo principal.

Há semelhanças entre a crônica e o texto exclusivamente informativo (notícias, reportagens). Assim como o repórter, o cronista se alimenta dos **acontecimentos diários**, que constituem a base da crônica.

Entretanto, há elementos que distinguem um texto do outro. Após cercar-se desses acontecimentos diários, o cronista dá-lhes **UM TOQUE PRÓPRIO**, incluindo em seu texto elementos como ficção, fantasia e criticismo, elementos que o texto essencialmente informativo não contém.

Com base nisso, pode-se dizer que a CRÔNICA situa-se entre o Jornalismo e a Literatura, e o CRONISTA é o poeta dos acontecimentos do dia-a-dia.

Ao desenvolver seu ESTILO e ao SELECIONAR AS PALAVRAS que utiliza em seu texto, o cronista está transmitindo ao leitor a SUA VISÃO DE MUNDO. Ele está, na verdade, expondo a sua forma pessoal de compreender os acontecimentos que o cercam.

INTERTEXTUALIDADE Há crônicas que se intertextualizam. Isso!! Umas com as outras, conforme pode ser observado nesta ficha nas "resenhas". E nas páginas dos jornais diariamente poderá encontrar uma que despretenciosamente irá ser o intertexto que se busca para as crônicas lidas nesta antologia.

VISÃO CRÍTICA

É importante lembrar o papel predominante do jornalismo na formação dos leitores. A lição que nos deixa o século XIX é que as pessoas lêem o jornal pelo prazer da leitura, e não somente pela necessidade funcional de informação. Como a literatura, o jornal tem também uma função narrativa, como mostra muito claramente a crônica jornalística.

Originalmente, o folhetim era um artigo ou crônica sobre literatura, ciência, crítica, publicado na parte inferior e a toda a largura dum jornal.

Foi no início do século XIX que surgiu o folhetim. Ao publicar a sua crítica dramática como rodapé no *Jornal dos Debates*, o abade Geoffrey chamou a atenção dos leitores para esta novidade. Todos os jornais quiseram, então, ter o seu folhetim. Tornou-se comum o romance-folhetim, tornado célebre pelo espírito ou invenção de Eugéne Sue, Alexandre Dumas e seus seguidores.

Na segunda metade do século XIX, os regimes europeus dão início a um processo de alfabetização da população urbana, para formar mão de obra mais eficiente para as novas funções criadas pela revolução industrial. Os jornais vão ter um papel fundamental neste esforço, suprimindo as necessidades culturais dos novos consumidores. O livro ainda era muito caro para os assalariados, e o jornal vai ocupar este espaço publicando folhetins, romances e contos.

No século XIX, literatura e jornalismo vão ser indissociáveis. Os maiores escritores da literatura universal passaram pela imprensa, não só como jornalistas, mas como cronistas, escritores de folhetins e romancistas. Este período que vai de 1830 ao final do século pode ser qualificado como de Jornalismo Literário e se caracterizou pela presença maciça de escritores nos jornais, que melhoraram a qualidade do texto, produzindo um tipo de informação mais sutil sobre a sociedade.

O papel da imprensa foi fundamental para a segmentação da cultura letrada. As massas, apenas alfabetizadas, encontraram nos jornais um estímulo à leitura.

A crônica é, pois, um gênero híbrido, que melhor marca esta fusão de dois gêneros distintos, o literário e o jornalístico.
